

EDITORIAL

Este número especial de **Eutomia** é dedicado ao escritor Don **Ramón María del Valle-Inclán**, antecipando a comemoração, em 2019, do Centenário da publicação da *Pipa del Kif*. Pouco conhecido no Brasil, Valle-Inclán é figura fundamental para compreender os primórdios do expressionismo hispânico, uma vez que foi criado e introdutor da dramaturgia do *esperpento*, uma estética elaborada mediante uma inflexão para o grotesco. Nessa estética desatacam-se as peças dramáticas: *Comedias Bárbaras*, *Divinas Palavras* e *Luzes de Bohemia*, muitas delas levadas ao cinema. Como poeta publicou *Aromas de Leyenda*, *la Pipa del Kif* e *Claves Líricas*. Este galego universal soma um trabalho de ourives da língua com um espírito transgressor, que fazem dele um precursor das vanguardas em língua espanhola. Como romancista, escreveu “*Memórias do Marqués de Bradomin, feio, católico e sentimental*” e “*Tirano Banderas*”, além de várias sagas, principalmente sobre a Guerra Carlista, e numa ácida crítica histórica, “*El Ruedo ibérico*”.

Valle-Inclán compartilhou com Rubén Darío a liderança do Modernismo hispânico. Sua exemplar inquietude o levou a criar uma “arte de ruptura”, abrindo caminhos que só mais tarde seriam explorados. Aliás, seu assombroso domínio do idioma o converteu num dos grandes criadores da língua espanhola, que em palavras do acadêmico Alonso Zamora Vicente, constitui “uma figura que não tem equivalente desde Quevedo”.

Entretanto, faz-se um retumbante silêncio sobre sua obra em terras brasileiras. Sequer Oswald de Andrade, um dos organizadores da Semana de Arte Moderna e empenhado na renovação do teatro brasileiro, seria capaz de romper tal silêncio, ao contrário do que caracterizou a recepção no Brasil a Garcia Lorca. No livro “*Ponta de Lança*”, Oswald passeia por diferentes autores e tendências cênicas da Europa e Estados Unidos sem mencionar o autor galego. Tampouco Décio de Almeida Prado, um dos mais respeitados críticos do teatro no Brasil, se refere a Valle-Inclán em “*Evolução da literatura dramática*”, capítulo do sexto volume de “*A literatura no Brasil*”, em que trata dos primórdios do teatro moderno no país.

Otto Maria Carpeaux constitui uma honrosa exceção na recepção brasileira a Valle-Inclán. Mas não se pode dizer que a sua avaliação do autor galego seja de todo positiva. Sobre “*Tirano Banderas*”, tem a dizer: “Valle-Inclán

dispensa as precisões; nem sequer dá nome ao seu país imaginário; e mistura livremente acontecimentos dos últimos 100 anos. Mas não se percebem esses anacronismos, porque os personagens não passam de títeres, gesticulando como num filme mudo sem letreiros. Contribui para a impressão fantástica a composição rigorosamente geométrica: espaços em que só podem viver títeres, mas não gente; e contribui a língua, meio exuberante, meio inarticulada: assim ninguém falou jamais, a não ser num poema desumano. (CARPEAUX, O Estado de São Paulo, em 1961.)”

O Golpe Militar da década de 60 foi catastrófico para o teatro que se produzia no Brasil. Interesses comerciais se sobrepunham a interesses estéticos mais elaborados, dada a fuga para o exterior de uma massa crítica formada por atores e dramaturgos. Durante os anos de ditadura, destaca-se, justamente por escapar dessa situação desfavorável, o trabalho da Escola de Arte Dramática de São Paulo, a EAD. Fundada, em 1948, por Alfredo Mesquita, a EAD passou a integrar, em 1969, o Departamento de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo e ainda hoje é referência na formação de atores, diretores, críticos e técnicos de teatro. A EAD investiu tanto na capacitação dos alunos, quanto no repertório, que inclui clássicos da antiguidade e da dramaturgia universal e autores contemporâneos. Desse vasto repertório e da integração de todas as áreas pedagógicas constitutivas da estrutura curricular resultam as montagens teatrais abertas ao público que anualmente apresenta a EAD, dirigidas por profissionais de reconhecido mérito no panorama teatral brasileiro. Foi então que estrearam na EAD “Divinas Palavras”, em 1980 e a “Farsa infantil da cabeça do dragão - para educação de príncipes, em 1990. Em 1990, com montagem de Aderbal Freire Filho, o EAD encenou “Luzes da Boemia”.

Como se vê, há fortes razões para que Eutomia proponha novas reflexões e avaliações críticas sobre o criador da estética do *esperpento*, **Juan Maria del Valle-Inclán**, desta vez submetidas ao crivo acadêmico ligado à Literatura e à Poesia. Para essas novas perspectivas contamos com colaborações de pesquisadores nacionais e internacionais.

Blanca Estela Treviño, da prestigiosa **UNAM** do México, apresenta uma nova leitura do clássico valleinclanesco “*Luces de Bohemia*”, onde mostra o papel do claroescuro e dos espelhos na configuração genial da peça teatral que retrata a realidade plural e decadente da Madri dos anos 20.

Carlos Ferrer Plaza, professor da **Universidade Federal de Viçosa**, analisa os mecanismos narrativos da obra *Tirano Banderas*, abrindo novos caminhos para os romances políticos em língua espanhola, baseando o trabalho na teoria dos Campos de Referencia de Harshaw.

O professor colombiano **Darío Sánchez Gómez**, da **UFPE**, escreve sobre a contribuição de **Valle-Inclán** na renovação teatral espanhola no período de crise social, econômica e política do entre - guerras, que evoluía do já superado realismo para o inovador *esperpento*.

Ester Abreu Vieira de Oliveira e **María Mirtis Caser**, da **UFES**, formulam o donjuanismo de Valle-Inclán através do protagonista literário das Sonatas, o

Marquês de Bradomín, como forma de abordagem crítica da sociedade do seu tempo.

Da **Universidade de San Carlos de Guatemala**, **Ignacio García Aláez** consegue estabelecer um paralelo entre a vida aventureira e polêmica de **Valle-Inclán** com a própria obra e os aspectos inovadores que plasma através dos recursos literários vanguardistas do autor.

José Alberto Miranda Poza, da **UFPE**, mostra o *esperpento* como mimesis do real da sociedade espanhola prévia à Guerra Civil na obra *Luces de Bohemia*, através da análise dos aspectos ideológicos, formais e linguísticos que caracterizam este *esperpento*, proposta de gênero teatral vinculado às vanguardas literárias da época.

Juan Ignacio Jurado, da Universidade Federal da Paraíba, **UFPB**, contribui com uma visão quixotesca da figura de Don Ramón María del Valle-Inclán, através da efígie, vida e obra do autor, com interessantes aportes críticos.

Juan Pablo Martín Rodrigues, da **Universidade Federal de Pernambuco**, trata de proporcionar uma nova leitura do clássico “Tirano Banderas”, através da aproximação deste romance ao estilo neobarroco, encaixando melhor a obra no contexto sócio-histórico e artístico da época.

Da **Universidad de la República**, Uruguai, **Román García Arróspide**, apresenta a obra “Los cuernos de Don Friolera” a partir de uma perspectiva esperpéntica, entendida como desagregação da realidade com um mecanismo similar ao distanciamento de Brecht.

Da **Universidade de Valladolid**, o professor **Sergio Suárez Ramírez** traz à tona a importância da oratória no mundo atual e trabalha, através da farsa de **Valle-Inclán** “La cabeza del dragón”, as figuras retóricas como proposta didática.

Vicente Masip e Oussama Naouar, da **Universidade Federal de Pernambuco**, trabalham os aspectos métricos e rítmicos da obra de Don Ramón cujo centenário se comemora, La Pipa del kif.

Da **Universidade do Minho** (Portugal), o conterrâneo de Valle-Inclán e editor digital de parte da obra de Don Ramon, **Xaquín Núñez Sabarís**, analisa as chaves discursivas de *Luces de Bohemia*, o itinerário cênico e conceptual do protagonista que mostra uma impugnação dos códigos culturais da época, além da imagem expressionista da Madri dos anos 20.

Alcançamos, com isso, o material que juntamente com o dossiê temático articula o mosaico de seções que compõem a revista Eutomia. Neste número, dado o ímpeto com que se interpõe a realidade política, abrimos com destaque a coluna PERSPECTIVAS, na qual **Luiz Costa Lima** indaga sobre a natureza do tsunami social que desde 2013 e mais intensamente a partir de 2015, nos arrasta avassaladoramente. A dispersão dos fatores concorrentes é a marca do

fenômeno e por isso um dos mais importantes, o fator midiático, é examinado detidamente.

Em CONEXÕES se agrupam as colaborações de **Aline Magalhães Pinto**, da **UFMG** – “Ainda maio de 1968 – autonomia, engajamento no campo literário e as posições divergentes de J.P. Sartre e Maurice Blanchot”, que suscita reflexões na esfera das relações problemáticas entre literatura e política; e a de **Annie Rouxel** – (**Université de Bordeaux**) – “Lecture subjective: implication émotionnelle et cognitive du sujet lecteur¹”, com ênfase nas reações sensíveis dos leitores, que conduzem às interpretações plurais, unindo criatividade da recepção e reflexividade crítica. A pergunta guia é pelos fios que se tecem entre a emoção e a cognição, que situam a leitura como lugar de formação de si, de construção identitária e cultural. Na seção CRÍTICA DE POESIA, contamos com o interessante texto de **Omar Salomão (PUC-RJ)**, “Linha: o desfiar poético de Edgar Braga”, sobre os procedimentos grafo-poéticos da poesia visual deste que podia ser contado entre os concretos; de **Samanta Rosa Maia (UFSC)**, artigo que surge de uma série de abordagens sobre os aspectos teóricos e críticos da poesia contemporânea, a partir de cinco revistas brasileiras do século XXI: *Inimigo Rumor*, *Sibila*, *Cacto*, *Coyote* e *Modo de usar & Co*, e se detém na situação atual da crítica de poesia brasileira; e de **João Felipe Gremski (UFPR)**, “Experiência Interior Subjetiva na Poesia de **Eucanaã Ferraz**”, que encontra nesta poesia características atribuídas tradicionalmente ao fazer poético de João Cabral de Melo Neto. Na seção CRÔNICA contamos com o curioso e divertido texto **Palavras**, de **Adriana Falcão**, um exercício virtuoso em torno daquelas que ocupam o coração do ofício de todos nós. Mais uma vez o excelente pesquisador e analista **Pedro Dolabela Chagas (UFPR)** nos traz a sua colaboração para a seção ESTUDOS DO ROMANCE, fazendo de “O Arco-íris da gravidade”, de **Thomas Pynchon**, ocasião para uma visada panorâmica da história europeia, sob o olhar de um norte-americano. **Elizabeth Hazin (UNB)**, engrossa esta coluna com a sua *expertise* de pesquisadora da obra de Osman Lins, com o texto “ ‘Como introduzir, com ordem, num espaço, tudo o que pretendemos?’- A Importância do Espaço na Ficção Osmaniana.” Finalmente, abrindo um espaço de reflexão em outra clave, acolhemos os poemas de **Marcia Cavendish Wanderley (UFF)**, **Alberto Pucheu (UFRJ)** e **Davino Sena**. Desejamos a todos uma excelente leitura.

José Alberto Miranda Poza (UFPE)

Juan Pablo Martín Rodrigues (UFPE)

Fatiha Parahyba (UFPE)

Sueli Cavendish (UFPE)